

A QUALIDADE É POSSÍVEL

Antônio Luiz Ramalho Campos

O Canadá é o melhor país do mundo. Ao menos é o que dizem as pesquisas mundiais que levam em conta, além da riqueza das nações, a distribuição desta riqueza, as políticas sociais e principalmente o nível de satisfação da população.

No setor saúde, que é o que nos interessa aqui, o Canadá, sem ter os maiores gastos, é sem dúvida o país de primeiro mundo que obtém os melhores resultados.

Tudo começou há 30 anos, quando foram definidos: primeiro, os objetivos da política de saúde que se pretendia implantar. Segundo, os princípios fundamentais desta política: universalidade da atenção, abrangência integral as ações, equidade entre os usuários, acessibilidade sem discriminação ou corrança direta, gestão pública sobre os setores públicos e privado.

No Canadá, a atenção médica é individual, prestada em consultórios ou pequenas clínicas, constituindo 62% do atendimento, que neste caso é considera-

do nível primário. A quase totalidade destes profissionais é de generalistas, pediatras e ginecologistas. São pagos pelo Estado, por produtividade, e proibidos de duplo vínculo com o sistema privado.

A atenção complexa é realizada em hospitais que têm financiamento do Estado, sendo administrados privadamente por corporações (fundações, associações etc) que respondem à sociedade e ao poder público. O sistema é usado por 98% da população. O paciente é livre para escolher seu médico no atendimento primário ou hospital que necessitar.

A maior parte dos recursos financeiros (72%) tem origem no governo federal, que possui como

fonte o seguro universal público, obrigatório a todo cidadão. Algumas províncias (estados) cobram adicionais da população. O setor privado, por meio das grandes empresas, seguros, mútuas e fundos de trabalhadores, financia os 28% restantes do total gasto.

As transferências federais representam 9,7% do PIB (Produto Interno Bruto) numa despesa per capita anual de US\$ 1.900. Há três anos, estes custos encontram-se praticamente estabilizados.

Os indicadores mostram o absoluto sucesso do sistema: mortalidade infantil é baixa — sete mortos para cada 1000 nascidos vivos — perspectiva de vida de 78 anos para homens e

81 anos para mulheres e principalmente o nível de satisfação do usuário: 90% consideram o sistema ótimo ou bom.

Portanto é alvissareira a notícia de que o governo da União pretende adotar o sistema canadense como exemplo. Alvissareira, não fosse a insinceridade da proposta. Todo o tratamento dispensado à seguridade social no atual governo, é em gênero, número e grau, diverso das soluções encontradas no Canadá.

É possível que os setores realmente sociais-democratas sejam sensíveis a um exemplo tão eloquente, porém o somatório da gestão governamental é nitidamente liberal.

Mas se o Brasil pretendesse de fato ser quase um Canadá, além de maiores recursos para o setor, bastaria aplicar a lei. Os princípios basilares do sistema canadense estão escritos na nossa Constituição e na lei orgânica da saúde. No Brasil chamamos isso de SUS, Sistema Único de Saúde. Um sistema que a duríssimas penas vem sendo implantado.

Muito lentamente e sem os recursos

que o povo brasileiro merece. Aqui mesmo, no Distrito Federal, faz-se um esforço gigantesco para implantá-lo e os resultados começam a aparecer. 85% da população é atendida na rede pública, ninguém duvida da eficiência do Hospital de Base. Após uma acidente, o usuário, usuário mesmo, aquele que precisou e foi atendido, está satisfeito com o atendimento na maioria das vezes.

Há quantos anos não há poliomielite, tétano neonatal, óbito por sarampo e raiva humana no DF? Quantos casos de Aids foram transmitidos por transfusão na nossa rede pública? Nenhum. Repetimos, nenhum. Porém, milhares morreram no Brasil desta forma.

Talvez um dia possamos chegar próximo aos padrões canadenses. Aqui e agora mesmo, bem perto dos Três Poderes, sem invencionices, com enorme trabalho e toda determinação política, estamos trabalhando para isto.

■ Antônio Luiz Ramalho Campos é Diretor Executivo da FHDF e Conselheiro do CRM-DF.

A notícia de que o governo quer adotar o sistema canadense como exemplo seria alvissareira não fosse a insinceridade da proposta